



Vento do Mar

DURANTE O DIA TODO, Vento do Mar passa sobre as ilhas e os mares, as florestas e as planícies, guiando manadas de cervos tímidos até as fontes de água. Em todas as horas do dia, ele refresca as plantas, levanta os pássaros e anuncia a mudança das estações.

No entanto, em um anoitecer, quando ele se sente cansado, dobra as suas asas e afunda-se, como o sol vermelho se põe. Ele flutua abaixo das nuvens e páira por um momento enquanto escolhe uma duna de areia ou uma clareira silenciosa. Depois, instala-se para poder descansar.

A mata grande conhece os seus segredos; ela sabe que toda noite ele toma a forma de uma ave ou de outro animal a fim de dormir sem ser perturbado.

– Pssss, Vento do Mar está dormindo – sussurra ela.

O papagaio de asa verde – aquele é o Vento do Mar. O lagarto prata no monte enluarado – aquele é ele. Sobre o Grande Lago é provável que você veja um bando de flamingos rosa despontando no horizonte – aquele é o Vento do Mar também. Às vezes, ele descansa perto de uma aldeia. Então, ele se estende alto e bonito, um guerreiro deitado na grama, com a cabeça apoiada sobre um braço.

Certa vez, quando Aminata, uma criada de Maca, foi pegar água fresca, descobriu Vento do Mar dormindo embaixo de uma

árvore e parou para observá-lo. Ela pensou que fosse um viajante, um estrangeiro. Mas, que homem: ele era o herói dos seus sonhos, o homem que ela havia procurado desde que o amor primeiro começou a cutucar o seu peito.

O pó se misturava com o suor na sua testa, o seu corpo estava marcado com arranhões e cortes profundos. Com muita suavidade e mãos tímidas, a menina limpou as feridas e lavou o rosto e os olhos do homem. Era uma noite calma e estrelada para o encontro de Aminata e o estranho da cor de cobre.

Ela estava tão inebriada de amor que não ouviu o velho pescador Abbege, que havia voltado de Gorom e agora reclamava à medida que tropeçava no caminho, curvando-se sobre o monte de redes e linhas de pesca.

O velho homem costumava ouvir o Vento do Mar e falar com ele. – Frish, Frish – ele costumava chamar.

Logo ao amanhecer, da copa de uma árvore, um tucano mergulhou no espaço. Os olhos do papagaio ficaram rosa, e a galinha d'angola esticou o seu pescoço e correu em busca de comida. Havia uma crescente agitação à medida que os animais acordavam. Com um suspiro fundo, a vasta extensão de campo aberto despertou. Vento do Mar abriu os olhos. Em cima dele, viu o rosto de uma donzela com um doce olhar.

– Qual é o seu nome? – ele perguntou.

– Aminata – respondeu a garota.

– E quem foi o primeiro rapaz que disse a você o quanto é linda?

O rosto dela ficou vermelho.

– Você não responde, Aminata.

- Eu gosto de ouvir você dizer o meu nome - ela murmurou.

- O som do seu nome é tão fresco quanto a água do seu pote - disse ele.

Ela abaixou os olhos e deu a ele o jarro de água para beber. Ele tomou um grande e longo gole.

- Há muito tempo eu tenho esperado por um estrangeiro, embaixo dessa árvore - ela murmurou. - Um homem como você.

Ele ficou quieto, e depois, gentilmente, disse: - Aminata, nas minhas andanças eu também tenho sonhado. O meu sonho é com uma filha da tribo do Povo, que se parece exatamente com você. Mas, eu sou um viajante, eu não tenho uma parada; eu sou deste lugar e daquele e de todos os lugares onde eu não estiver. No entanto, por alguma razão, eu desejo ficar com você. Estou cansado de correr para lá e para cá neste mundo.

Na frente de suas cabanas, as mulheres moíam o milho com os seus pilões. Abbege, que já havia desengatado as redes de pesca, partia em direção ao rio, mais uma vez. Ao passar pelo casal, murmurou a si mesmo: - Vento do Mar está ficando velho e surdo; ele não me ouve.

Quando ele chegou no rio, eles o ouviram gritar: - Frish, Frish - à medida que hasteava a vela branca e remendada da sua piroga. Em seguida, de uma só vez, o estranho levantou-se, tão leve como a asa de uma borboleta, e olhou bem dentro dos olhos castanhos e profundos da moça, como se estivesse fazendo uma promessa para ela.

- Frish é o meu nome - ele disse, suavemente.

Em seguida, soltou uma forte gargalhada e os seus dentes brancos brilharam.

- Bem, eu preciso acompanhar o pescador até Gorom. Ele chama o meu nome e eu tenho de empurrá-lo rio acima. Ele acha que estou velho e surdo. Oh, não, Aminata - Vento do Mar não está velho e nem surdo; ele tem os pés mais rápidos e os ouvidos mais apurados.

Ela não ousou perguntar quando ele voltaria. Mas ele leu a pergunta que ela formulou nos seus olhos.

- Eu voltarei, Aminata. Eu estarei aqui, à noitinha, embaixo desta árvore.

Durante o dia todo, os seus pensamentos eram sobre o encontro. Quando o anoitecer chegou, ela estava lá, esperando embaixo da árvore.

Ao primeiro toque do anoitecer, ele veio até ela, movimentando a grama e levantando uma nuvem de poeira que fazia cócegas no nariz dos cachorros das casas e que estavam sentados na frente das cabanas, mordendo e arranhando os pelos cheios de sarna.

Aminata o levou para casa, para sua família. Quando o pai dela voltou da caça, todos se sentaram à mesa para comer. Vento do Mar comia com as mãos e bebia cerveja enquanto relatava as suas aventuras. Aos poucos, os anciões se aproximavam para ouvi-lo enquanto ele falava. Vozes murmuravam ao longo da noite, porque Vento do Mar havia escolhido a sua esposa.

Com o passar dos anos, Vento do Mar e Aminata tiveram duas lindas crianças. O primeiro foi um menino, Mamadu Martã, que quer dizer Brisa do Mar; o segundo foi uma menina, Binetu, que significa Vento das Flores.

Nunca se viu crianças tão alegres. Nos campos, onde as lavadeiras espalhavam as suas roupas na

grama para secar, elas corriam até perderem o fôlego; toda vez que passavam, faziam as roupas balançarem para lá e para cá.

Elas perambulavam pela floresta, soprando os arbustos com toda a sua força, pondo em fuga a perdiz e fazendo o cervo se perder com as suas travessas rajadas de vento.

Mamadu Marta acompanhava o velho Abbege até a região da pesca, onde o velho pescador gritava: - Frish, Frish.

E Mamadu Marta corria sobre as ondas, saltando sobre a popa da piroga e soprando a vela até ultrapassar a sua lona. Binetu aprendeu o canto dos pássaros e dos grilos, e passava horas gorjeando enquanto andava pelos campos de flores, juntando os raios solares e dispersando-os na brisa. O seu hálito carregava as fragrâncias dos lírios e das flores de laranjeira. O jardim de Aminata vivia cheio de flores maravilhosas que a sua filha trazia de longe e de perto, e ajudava a florescer com o seu canto. O pai dela chamava as suas canções de "Flores do Vento".

As viagens de Vento do Mar não o traziam com frequência à aldeia, mas, quando ele vinha, ficava por um tempo. Então, Aminata sentia-se muito feliz. Ele ficava noites inteiras com ela, e contava às crianças histórias das terras do Pôr do Sol Rubro.

Durante essas noites longas, os barcos ficavam em águas paradas, e um estranho silêncio reinava no mundo todo. A terra, a água e o pasto, todos achavam isso difícil de se suportar - mas ninguém se preocupava em

Maca, onde parecia haver uma pequena pausa antes do Vento do Mar contar outra história para os seus filhos e soprar suavemente sobre as brasas da fogueira.

Durante alguns anos, Vento do Mar retornava a cada mudança de estação.

Depois, quando Aminata deu à luz o terceiro filho, ele nunca mais voltou.

Aminata ficou muito doente após o nascimento do filho. A sua terceira criança era a mais bela de todas, com seus lindos olhos e um riso caloroso e acariciante como uma brisa de verão. Ela o segurou contra o peito até o seu último suspiro, falando com ele, como se a criança pudesse compreendê-la, e esperando por um milagre que traria de volta o seu marido.

O velho Abbege disse mais tarde que, por volta da madrugada, viu uma grande gaivota branca voando baixo sobre a água, e emitindo gritos lancinantes, indo em direção à aldeia. Quando Abbege foi para a aldeia e empurrou a porta de Aminata, ele jurou ter visto a gaivota em pé sobre uma pata e olhando para a mãe e a criança.

E, enquanto olhava para a mulher e para o pássaro, ouviu Aminata dizer: – Finalmente, você voltou, orgulhoso nômade dos meus sonhos. Agora que você está aqui, não sofro mais. Adeus, adorado Frish, eu o amo, apaixonadamente.

A gaivota branca circulou por alguns momentos sobre a aldeia, depois voltou e voou diretamente para o mar.

O terceiro filho de Vento do Mar cresceu forte e sadio. A sua infância foi a de um garoto normal, exceto pelo fato de ele não brincar com outras crianças da mesma idade.

Ele preferia vagar sozinho e fazer amizades com os pássaros ainda bebês que caíam dos seus ninhos. Ele era suave e amante da paz e da natureza. Os aldeões o chamavam de Alama, que significa Sopro de Misericórdia.

Certo dia, Brisa do Mar, Vento das Flores e Sopro de Misericórdia voaram e foram para longe da sua aldeia natal.

Para Brisa do Mar, o pai deu o reino dos oceanos, ondas, rios e pântanos. Os filhos de Abbege assobiam para ele.

A menina, Vento das Flores, passeia pelos campos e bosques, e em todo lugar por onde passa deixa dias agradáveis na primavera, frutas maduras no outono, e, naqueles dias quentes, quando o ar brilha ao sol, é ela quem arremessa aqueles grãos reluzentes dourados, os quais nem são insetos e nem são flores.

Sopro de Misericórdia, o último filho, tem o reino mais belo de todos. Ele acalenta e conforta as pessoas tristes no mundo; ele canta para aqueles que choram e traz um sopro de alegria e um carinho reconfortante para os doentes e para os pobres.

Così così iyaphela
Aqui termino a minha história.